UMA REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE LIBERTAÇÃO À LUZ DE JOSÉ COMBLIN NA PERSPECTIVA DO REINO DE DEUS

Erike Santos Aristides[1].

Resumo

Esse artigo propõe refletir, à luz do pensamento de José Comblin, o conceito de libertação na perspectiva do Reino de Deus. Comblin, situado na América Latina desde 1958, contempla nos anos posteriores, inclusive dos anos sessenta, modificações marcantes para a Igreja e para nosso país. Dois episódios consideráveis transformaram a história da Igreja no Brasil no âmbito eclesial e político, a saber: O Concílio Vaticano II e o Golpe Militar de 1964. O testemunho de vida de José Comblin, no contexto da América-latina, despertou na consciência das pessoas um novo horizonte de esperança e perspectiva de vida. A libertação para Comblin tem intrínseca relação com a instauração do Reino de Deus na terra pregado por Jesus Cristo nos evangelhos canônicos, cuja proposta consiste em aderir a uma nova vida e estilo eclesial-cristão à luz dos "sinais dos tempos". Essa busca de emancipação alternativa, proposta por Comblin, objetiva alcançar mudanças significativas e concretas na sociedade, a fim de que seja garantida a justiça, o direito, a igualdade e a fraternidade para todos os vitimados: negros, índios, moradores de rua e refugiados, de modo que essas mudanças alcancem, enfim, todos os pobres expostos nas diversas formas de opressão e exploração social. A partir de novos contextos sócio-políticos e religiosos, a vida e o testemunho desse missionário, José Comblin, na América Latina, serão de notória relevância para as gerações futuras que tenham como foco, meios e compromissos plausíveis que garantam a dignidade, a libertação e a integridade humana. Cabe, portanto, aos atuais discípulos de Jesus Cristo, assim como viveu José Comblin, desafiados a pôr em prática este dinamismo da fé, esperança e caridade ativa, observar os sinais dos tempos e ressignificar, para os dias de hoje, a proposta do Reino de Deus a partir de uma evangelização nova e práxis teológica libertadora, em prol da alteridade.

Palavras-chave: Libertação. Esperança. América Latina.

Introdução

José Comblin nasceu em Bruxelas, Bélgica (1923-2011). Foi ordenado Sacerdote, em 1947. Doutorou-se em teologia pela Universidade de Lovaina. Trabalhou na América Latina, desde 1958, a pedido do Papa Pio XII, na missão de frear, a princípio, o progresso do comunismo (IHU, 2008) Teólogo de larga experiência, lecionou no Equador,

[1] Bacharel em Teologia - PUC-SP. Licenciatura em Filosofia (IV Semestre) - UNIFAI - SP.

Chile e Brasil. Residiu vários anos em Pernambuco, no interior dos Estados da Paraíba e da Bahia. Foi muito requisitado para ministrar cursos e assessorar trabalhos acadêmicos em vários países da América Latina. Foi autor de vasta obra bibliográfica (COMBLIN, 1998).

Seus princípios basilares abrangem três aspectos dialéticos. São eles: ver analiticamente a realidade; julgá-la teologicamente à luz das Escrituras; e agir pastoralmente. Tais relevantes critérios contribuíram para uma efetiva encarnação e aculturamento do evangelho em meio às múltiplas inovadoras das realidades culturais que se apresentam até nossos tempos. Brighenti afirma: "Antes de pensar a ação futura, para que sejam respostas a perguntas reais, o imperativo é situar-se, em relação às pessoas, à sociedade, à instituição eclesial, e a outras, às metodologias de planejamento disponíveis, etc." (BRIGHENTI, 2011, p. 209-210).

Sabe-se que Comblin viveu no Brasil na época da ditadura militar. Dentre outros influenciadores de seu itinerário missionário destacam-se: José de Maria Ibiapina e Dom Hélder Câmara, os quais, também lutaram por uma sociedade mais solidária, justa, protagonista e fraterna (CAPPELLETTI, 2012, p. 12).

> (...) os anos sessenta trouxeram mudanças profundas para a Igreja e para o nosso país. Dois acontecimentos marcantes, um eclesial, outro político, modificaram o curso da história da Igreja no Brasil: a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II e o golpe militar de 31 de março de 1964. A Igreja não podia mais ser a mesma da primeira metade do século, e Dom Helder já não poderia ser mais o mesmo dos tempos do Concílio de Trento ou tempo em que o Brasil vivia sob regime democrático. A realidade era outra. (PIRES, 1999, p. 17).

Um dos desafios de Comblin era traduzir os conceitos "divinos" em gestos concretos e estabelecer a veracidade do Deus "remoto" em presença salvífica, em sentido coletivo e, não propriamente subjetivo. O itinerário traçado por Comblin é de notória relevância em seu aspecto missionário, de serviço ao Reino de Deus enfatizado na "opção pelos pobres" que, de modo geral, resume todo o evangelho (SEGUNDO, 1997, p. 186).

O propósito ético de Jesus propunha um novo paradigma para a sociedade judaica. Essa iniciativa desestruturou os procedimentos arcaicos até então praticados pelos líderes do Templo. A forma com que Jesus se relacionava com as pessoas escravizadas, excluídas, doentes e miseráveis, despertava na consciência desse grupo social o anseio por libertação,

o asseio por uma vida de liberdade. Porém, os ensinamentos de Jesus, seguidos por atos e palavras, reivindicavam a veracidade da vivência dos valores evangélicos expressados em um aspecto mais legítimo, a fim de reorientar ou ressignificar a vida dos crentes de modo mais livre, digno e autêntico, com base em seu projeto (CASTILLO, 2015, p. 14).

Comblin assumiu um agir ético que causou incômodo às autoridades político-religiosas da época. O sistema estrutural vigente da civilização latino-americana, marcada pelo poder – dominação, conforto e riqueza à custa da exploração dos pobres em diferentes facetas, receberam deste missionário, não somente críticas, mas luzes em vista de uma sociedade mais evangélica segundo os valores do Reino. O papel "político" expresso em seus atos e palavras nos remeteu ao evangelho da liberdade pregado por Jesus Cristo, com o intuito de conduzir à prática de libertação da Igreja, de modo integral, frente aos novos desafios da atualidade. Um Igreja voltada para a libertação dos pobres oprimidos (escravos, índios, negros, excluídos), levando em consideração os inevitáveis confrontos com aqueles que rejeitam essa proposta de viver aqui na terra o verdadeiro Reino de Deus (COMBLIN, 1998, p. 39).

> (...) há na América Latina uma dominação básica que é a mais envolvente de todas. Ela resulta da conquista: é a dominação de minorias que souberam guardar a herança da conquista sobre as raças dominadas e os povos conquistados: trata-se da dominação do homem branco sobre o homem negro, descendente dos escravos, e sobre o homem índio, herdeiro dos povos vencidos. Pois é a dominação dos vencedores sobre os vencidos, daqueles que tiveram e têm essa força política e política sobre os que não tiveram e não têm essa força. Trata-se da dominação de um povo que se acha superior sobre outros povos tratados como inferiores: em nome de uma superioridade de raça, de cultura, de povo, de nação (COMBLIN, 1985, pp. 193-194).

O conceito de libertação, no horizonte de Comblin, esforça-se para articular a teologia da libertação, a liberdade da teologia no horizonte do Reino de Deus com intrínseca relação à práxis teológica na história, ou seja, de algum modo a experiência concreta da fé à luz do Espírito Santo está associada à existência humana, na sua realidade sociopolítica, num profundo dinamismo de mudanças e transformações (COMBLIN, 1987, p. 37). A mensagem da Igreja, há muito tempo, está atrelada num dualismo entre o ensino religioso da

cristandade em contrapartida a sua doutrina social, ambas, inspiradas no mesmo contexto escolástico.

Desde João XXIII, até o Papa João Paulo II, se enfatiza a opção preferencial pelos pobres e declara-se que a Igreja seja a Igreja dos Pobres (COMBLIN, 1985, p.50). Para não ser alheio ao evangelho de Jesus Cristo, mediante circunstâncias vigentes às problemáticas sociais de seu contexto, inicia-se a passos lentos, um diálogo com outros saberes científicos modernos, salvaguardando, no entanto, o depósito da Tradição Cristã. Nessa perspectiva, o Papa Leão XIII (1878–1903) elabora o documento eclesial de cunho social, titulado como *Rerum Novarum* (Das coisas novas), denunciando as elites acerca da exploração operária nas indústrias da época e o esforço de garantir seus direitos.

No entanto, nem mesmo com as orientações do Concílio Vaticano II, em termos práticos, as pastorais conseguiram ser suficientemente fortes para superar tais circunstâncias dicotômicas: "Como unir a salvação eterna e a libertação temporal à salvação no céu e a libertação na terra"? (COMBLIN, 1996, p. 99). Nesse processo, a libertação da teologia e a teologia da libertação objetivam corroborar um novo método de atuação na Igreja com o intuito de renovar a estrutura social predominante, cuja estrutura é, muitas vezes, incumbida de consolidar operações desumanas instaladas, praticamente, em quase todo o estabelecimento sociopolítico e socioeconômico baseados no lucro e na propriedade privada de mercado dos bens de produção, não na liberdade humana como um todo. Segundo o pensamento de Comblin:

> (...) a Igreja somente poderá recuperar a sua identidade pelo retorno ao evangelho, independentemente do mercado. Não se trata de responder aos desejos imediatos do homem ou da mulher da pós-modernidade, mas de responder à expectativa mais profunda de verdadeira libertação... O que se faz necessário é preparar grupos de cristãos realmente transformados e libertos pelo evangelho que possam ser o fermento de uma nova sociedade no mundo (COMBLIN, 1998, p. 11).

As Conferências de Medellín e Puebla, diferentemente do Concílio Vaticano II, priorizaram a opção preferencial pelos mais pobres na práxis pastoral das Igrejas latino-americanas graças à persistência de alguns poucos bispos nos diversos setores do continente. Nessa corrente teológica destaca-se Dom Helder Câmara. Por sua vez, José Comblin, não

obstante os desafios decorrentes da realidade missionária Latino–americana, contribui largamente na aplicação do Reino de Deus em caráter libertador pela defesa da vida e pela dignidade humana a partir da reintegração dos valores ético-morais e religiosos. No intuito de que a Igreja (povo de Deus) se incorporasse, cada vez mais, ao mundo dos fragilizados e oprimidos como porta-voz do Reino de Deus (COMBLIN, 1985, p. 50).

A proposta dos teólogos latino-americanos implicava, portanto, em introduzir a Igreja num novo caminho de evangelização aos mais pobres e lutar pela transformação da sociedade injusta, segundo o amor libertador de Jesus Cristo frente aos novos desafios de ressignificação do evangelho ao público alvo contemporâneo. Enfim, discernir, à luz dos sinais dos tempos, os meios e os fins de libertação a favor dos mais aflitos e agonizantes, cujos gritos de salvação necessitavam serem vistos e ouvidos (COMBLIN, 1985, p. 51).

Segundo Comblin "a libertação começa quando os oprimidos começam a conhecer as leis, a exigir a sua aplicação a todos e integralmente e, numa fase ulterior, exigir a sua reforma para que sejam leis de solidariedade e não de opressão dos indefesos" (COMBLIN, 1987, p. 43). Os oprimidos latino-americanos, em diferentes classes sociais, precisam, de fato, questionar as razões das leis aplicadas pelos grandes e como, efetivamente, se estruturam os sistemas sociais. Infelizmente, a maioria das pessoas está mais disposta a sujeitar-se radicalmente às normativas do sistema da elite política como uma realidade última, imutável, sem possibilidade de melhoras, ao invés de se comprometer com a causa dos fragilizados e injustiçados.

São fatores preocupantes que se agravam em consequências nocivas à integridade e à dignidade humana. A proposta evangélica consiste, justamente, em lançar luzes frente a tais mecanismos, no respectivo agir ético de Jesus segundo a perspectiva do Reino de Deus, cujo poder de transformação enriquece e enobrece a pessoa em condições até mais deploráveis de sentido existencial humano. "O que se revela em Jesus é um novo modo de ser humano, ou, melhor dito, o modo de ser autenticamente humano" (COMBLIN, 2009, p.9).

O contexto histórico da época de Jesus era caracterizado por realidades de opressão e injustiças, no entanto, com a evolução histórica da humanidade, os mesmos contextos de exploração, de opressão e produção de desigualdades continuaram a existir, certamente, com novas roupagens. A opressão, portanto, é um fator transversal na história

das sociedades. Nossa realidade socioeconômica reproduz modalidades de diferentes escravidões, mascaradas por elementos utilitaristas que fomentam essa estrutura drástica, continuada em múltiplas facetas. É preciso conscientizar e protagonizar os pobres numa motivação crescente, fazendo com que eles sejam agentes contribuintes nesse processo de libertação integral dos vícios, dominação, exploração, da miséria, do egoísmo, da marginalização de todo mal físico, moral e social. Ao inserir os pobres no dinamismo do Reino de Deus, Comblin, em outros termos, chamava esse fato de vitória de Deus (COMBLIN, 1983, pp. 111-112).

As estatísticas recentes enumeram bilhões de pessoas afetadas pela exclusão social decorrente do sistema capitalista global. Os programas desenvolvidos em prol da redução de danos, tais como os da ONU, tornam-se insuficientes mediante a enorme demanda aglutinada nas extremidades da sociedade. São fatores existentes e alarmantes que evidentemente condicionam na alteração inevitável do índice de pobreza extrema encontrada em vários setores do país (ABDALLA, 2011, p. 218-219).

As complexas circunstâncias socioeconômicas do tempo presente desencadeiam enormes desequilíbrios globais. Não obstante, a possibilidade desses desequilíbrios se restabelecerem em épocas distintas sob outros paradigmas e as probabilidades do surgimento de uma nova economia são vez mais necessárias. Por isso, carecem urgentemente que se instalem em perspectiva humanitária como meio opcional de transformação social, visando ao bem natural e aos interesses comuns de todos os habitantes do mundo. O presente sistema capitalista não se preocupa com as efetivas necessidades do gênero humano, mas, sobretudo, nessa sua fase neoliberal, visa ao lucro a qualquer preço, cultivando o individualismo através do estímulo crescente da concentração das propriedades privadas, dos meios de produção desenfreadas e desordenadas, culminando num cruel sistema econômico, social e político que ameaça a sobrevivência do meio ambiente, e, por conseguinte, de todos os seres vivos (ABDALLA, 2011, p. 220-221).

Fatos como esses, não obstante refletirem o retrato contemporâneo dessa civilização onde estamos inseridos apontam para os reais problemas das pessoas, sobretudo, dos jovens que, sem perspectivas nem expectativas, são, na maioria das vezes submersos no mundo do consumo e tráfico de drogas, prostituição e furtos como alternativas aparentemente acessíveis ou únicas na vida. Faz-se necessário que "As alegrias e as

esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem [sejam] também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (Gaudium et Spes 143).

Portanto, esse conceito de libertação à luz do pensamento de José Comblin na perspectiva do Reino de Deus, propôs-se refletir, ainda que superficialmente, sobre alguns aspectos históricos da Igreja referente aos desafios metodológicos de evangelização sustentável aos homens e mulheres de hoje. Nesse processo, surgiu a iniciativa estabelecida pelos teólogos latino-americanos, segundo as expectativas do Documento de Medellín e Puebla, bem como a contribuição da práxis teológica de Comblin, em vista de uma Igreja mais inserida no mundo dos pobres e na esperança de contemplar uma nova sociedade de inclusão social, igualdade e justiça, com direitos e deveres não violados. Contudo, sabemos que a concretização dessa realidade é processual, dinâmica e comprometedora - tanto para a Igreja como para a sociedade – e requer autêntica conversão em prol do seguimento de Jesus, implicando numa renúncia de si mesmo, testemunho de vida e, sobretudo, na opção pelos menos favorecidos.

Referências

ABDALLA, Maurício. *Combate à pobreza ou nova economia?* In: RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro, A. (Org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção cidadania).

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar*: a inteligência da prática transformadora da fé. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CAPPELLETTI, Paulo. *Conversão e Justiça social em José Comblin*. Dissertação de pós-graduação em Ciências da religião. Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

CASTILLO, José M. *Jesus*: a humanização de Deus. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COMBLIN, José. *Antropologia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

COMBLIN, José. *Cristão Rumo ao Século XXI*: nova caminhada de libertação. São Paulo: Paulus, 1996.

COMBLIN, José. *Jesus, Enviado do Pai*. São Paulo: Paulus, 2009.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua Missão*. São Paulo: Paulinas, 1983, pp,111-112

COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 1998.

IHU, 2008. **Entrevista com José Comblin**: *Uma vida na América Latina a serviço da Libertação*. <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/14754-uma-vida-na-america-latina-a-servico-da-libertacao-entrevista-especial-com-jose-comblin> Acessado em 13/05/2019).

PIRES, Dom José Maria. In: ROCHA, Zildo (Org.). *HELDER, O DOM*: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SEGUNDO, J.L. A *história e recuperação de Jesus de Nazaré*: dos sinóticos a Paulo. São Paulo: Paulus, 1997.